

À Biblioteca Pública de  
Braga14  
ABRIL  
1973

## SEMÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOS DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Sede e Administração  
Comp. Impressão e Redacção

LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

Festas concelhias de Amares  
em honra de Santo António

Por= Narciso J. Gonçalves

Vão realizar-se nos dias 9 e 13 de Junho próximo as já tão decantadas festas concelhias em honra de Santo António.

Como nos anos anteriores, espera-se que o seu brilho e imponência sejam de molde a não desmerecer do sacrifício daqueles que tão denodadamente se entregam à sua realização, que outro interesse não podem ter que não seja o acendrado amor à sua terra e ao seu concelho. Amares, cujas honrosas e nobres tradições se reflectem num passado longínquo nas «vestes dos seus laranjais floridos», no seu capitoso e inebriante vinho, na louçania das suas graciosas mulheres, na hospitalidade do seu povo simples e bom, vai viver os seus dias grandes nas festas que se avizinham. Santo António, o Santo português por excelência, será lembrado como nunca.

Porquê Santo António padroeiro destas festas? Houve sempre nesta terra, que Deus dotou de beleza, uma inclinação inata para o grande taumaturgo. Já se passou uma boa trintena—e eu já olhava para a sombra—(talvez aluno do 4.º ano), e já se faziam as festas ali para as bandas do Milho Rei. Então simples, com a banda a tocar num corêto improvisado (feito de caixotes), nós,—os da época—saltávamos as enormes fogueiras, cujas línguas de fogo escarlate chegavam ao Céu como orações que se elevam até Deus. Era o delírio! As achas davam tudo o que tinham.

Os molhos enormes de guiços, eram um lambisco. As moças, moças belas da minha geração, e que hoje apenas conservam a traça desse passado romântico,—cantavam lindas canções a Santo António. Era o fulgor da vida que então vivíamos. E eu, encadernado no meu fato preto de monge que fugiu da cela, esganado na minha gravata preta de «zeviche», nó imperceptível, vivia a minha presença com os versinhos que as flores

do tempo me inspiravam...

E era assim a festa!

Mas hoje, caro leitor,—talvez porque os tempos são outros—giza-se programa, estudam-se orçamentos, aventam-se previsões, enfim, já é uma festa com cabeça tronco e membros! Será menos romântica do que nesses tempos? Não sei. No entanto o santo é o mesmo. E a gente moça será a mesma? Penso que sim, na medida em que o que está na causa está no efeito. E eles—os que agora têm a vez—são o nosso prolongamento genético. Terão a nossa mentalização? Não têm. Será melhor que a nossa? Há opiniões. Mas, à cautela, cantemos com António Mourão: Ó tempo, volta p'ra trás!.. Isso só

traria benefícios para os velhos, se fosse possível. Como, porém, não é, demos as mãos uns aos outros e trabalhemos sem esmorecimentos ou desânimos, certos de que a união faz a força.

As raparigas solteiras, a quem saúdo desta varanda, se pede a melhor colaboração. Elas, sempre pródigas na sua vaidade feminina, nada regatearão a Santo António. Até porque, queridas leitoras da minha terra, o santo não é para graças, e pode operar muitos milagres. Eu vou contar um, para finalizar.

Um dia, nas suas deambulações vespertinas Santo António passou junto de uma fonte. Ouvia chorar e apro-  
(Continua na 4.ª página)

## Contraste

Numa das manhãs soalheiras da primeira quinzena de Março fiz o que, por via de regra, me prende os sentidos. Almocei o meu chá com a competente torrada e abalei de casa, na mira de me despuluir, após uma semana de aturado trabalho. Um «eléctrico» (prefiro ao autocarro), o costumado «Comércio do Porto»—eis-me a caminho da Foz do Douro, a melhor vassoura para varrer a carcassa já um tanto aviariada com os anos.

O Passeio Alegre é, na Foz do Douro, o sítio mais bucólico e apetecível para quem, como eu, gosta de, só, ler o jornal sob o encantador marulhar dos ramos das frondosas árvores daquele belo jardim.

Foi aí que a Camara do Porto erigiu uma Memória a Raul Brandão e até isso passou a representar para mim e tantos outros que ali encontro um comum encanto dos nossos seres.

Lidas as notícias do dia, logo os meus olhos se voltam para a crónica com que

ao domingo o professor Joaquim Pacheco Neves brinda os seus leitores. Desta vez vinha o brilhante cronista lembrar-nos recordações sobre Camilo, pela pena de Bernardino Machado, sobre o grande escritor, quando se deslocava a Vila do Conde e Póvoa de Varzim. Então era uma corte de admiradores que envolviam o escritor. Queixa-se o ilustre professor da perda do culto por Camilo e implicitamente lamenta que a geração nova, a actual, não faça de Camilo, melhor: dos seus livros o enlevo literário de hoje. Lembra que os novos gostam apenas de histórias aos quadrinhos e nessas é que depositam toda a gama do seu sentimento.

Logo, por acaso, li esta crónica muito próximo da Memória a Raúl Brandão. Dobrei o jornal. Finquei os pés na terra junto ao cais do marégrafo. E olhando bem de frente o medalhão do Mestre, deambulei à beira rio seguindo à beira-mar. Quando dei por mim estava  
(Continua na 4.ª página)

Um caso que exige solução  
imediate e satisfatória

A injustiça fere sempre, mas por vezes é mesmo revoltante. O caso de hoje é daqueles que gostaríamos de calar, de continuar a calar, mas faze-lo seria outra injustiça. É pena que possam existir casos destes, nesta matéria, com estes argumentos, etc. Mas vamos a ele:

Há três anos surgiram nesta vila os srs. Director dos Serviços do Ciclo Preparatório e o saudoso Governador Civil Comendador Santos da Cunha em busca de um edifício para instalar a Escola Preparatória. Entendeu-se que aquele que melhores e mais fáceis condições de adaptação oferecia era o da Associação dos Bombeiros Voluntários. Posta a direcção perante o assunto recebeu a nova com verdadeiro alvoroço por entender—e muito bem—que era um grande serviço prestado ao Concelho.

Foi-lhe prometido um subsídio e que ao iniciar o segundo ano lectivo passaria a receber uma renda, atendendo ao dispêndio e a que teria de desalojar a Casa do Povo e a Telescola que albergava mediante arrendamento.

A seu tempo veio o subsídio do Estado e um da Fundação Calouste Gulbenkian e as obras completaram-se com muita dignidade e utilidade embora deixassem a referida Associação de Bombeiros abalada de Finanças.

Já antes de findar o primeiro ano lectivo se calculou que a frequência iria duplicar e as instalações seriam insuficientes. Então a direcção da Associação sempre pronta a bem servir o concelho tomou a iniciativa de nova ampliação e pôs o assunto às autoridades concelhias e, com estas ao Sr. Governador Civil.

Sendo-lhe prometidas as mesmas ajudas da primeira fase mandou elaborar o competente projecto que logo enviou, na forma legal, e com as melhores informações a quem de direito.

Aconteceu, porém, que não obstante os rogos postos o assunto foi demorando, demorando, e só agora surge um despacho que concede

100 contos para este ano e 192 para o ano que vem.

A verdade nua e crua é, todavia, muito mais dolorosa do que a convicção que ressalta de que a demora nos deixou sem saber, e nada mais.

É que a Direcção sabendo que o projecto tinha a aprovação superior, ouvido o Chefe do Distrito, e perante a imperiosa necessidade das novas salas, iniciou as obras, levando-as perto da conclusão, gastando a quase totalidade dos 600 contos orçados. Parou aí por as salas estarem já funcionais, embora à espera dos últimos acabamentos.

Ficou a Escola servida, ficou o Concelho servido, mas  
Cont. na 4.ª pág.

## 5.ª COLUNA

O poeta escreve para ele. Quem lê o interpretará como lhe apetecer. O homem da prosa, não! Escreve para os outros. Por isso mesmo o poeta pratica o solilóquio. O prosador não deve fazê-lo, e se o faz deixa de ser aquele pedagogo literário, cuja missão não é outra: difundir cultura. O poeta não! Analisa-se. Esconde-se no seu «eu» e se o exterioriza é apenas por circunstância e então difunde arte. São os descobridores do seu estro que o aliciam a publicar-se.

Tudo isto, Leitor, vem a propósito de uma gentil oferta de um amigo, com um pequeno livro de canções—assim o diz o poeta António Macedo, que sei apenas ser de Braga e não o conheço.

«Canta comigo» o título de uma série de poemas—cantigas que Miguel Serras Pereira prefaciou e nas quais encontrou o poeta a «virar o discurso de quotidiano contra si mesmo», ajudando-o a música «a romper o espaço—tempo em que a sua voz fala, cantando».

De facto, Leitor, basta apenas ler uma primeira quadra do seu poema «Erguer a voz

(Continua na 4.ª página)

# « MINI-POP »

# TRIBUNA DESPORTIVA

## F. C. AMARES CAMPANHA DE AUXILIO

Câmara Municipal de Amares. . . . .	7.500\$00
António Bernardino B. Macedo (F. Nova)	1.000\$00
Rev. <sup>m</sup> P. <sup>o</sup> Rosas (Torre) . . . . .	200\$00
Sr. Lomba (emigrante em França) . . . . .	274\$20
João Gonçalves (F. Nova). . . . .	100\$00
Américo de Carvalho (Alemanha) 1 bola ! bomba de mão para encher as mesmas.	

O responsável pela cobertura das reportagens dos jogos do Amares quer em casa, quer fora, para a Tribuna Livre, encontra-se adoentado pelo que damos os resultados dos dois últimos jogos que o Amares efectuou e para conhecimento dos nossos assinantes no Estrangeiro.

No passado domingo dia 1 em Celeirós o Amares empatou 1-1.

No domingo passado dia 8 empate em casa com o Nine 1-1.

Amanhã deslocámo-nos a Ronfe.

Desejamos à equipa um bom resultado.

Os miúdos do «Mini-Pop» são um *show* aonde quer que vão. Ainda há dias tirei a prova real. Verifiquei que o público fica eletrizado com eles a actuar. No final de cada actuação larga ovação e «bis» são o prémio do público.

Depois duma exibição e no intervalo, falei com eles. É extraordinário o à vontade que têm. Sempre a rirem-se, sempre na brincadeira — o que não admira na idade deles — lá me deram respostas às minhas perguntas.

—Digam-me, vocês quando concorreram pensavam em arrancar um primeiro lugar, ou só uma boa presença.

E todos disseram:

—Boa presença, somente. Nunca pensámos no primeiro lugar.

De facto a resposta do Abílio Queirós, do Eugénio Pinto, do Mário Pinto e do Pedro Pinto mostram a modéstia que possuem. É na modéstia que se atingem os grandes lugares! Continuai com a vossa modéstia!

—Depois do festival tendes tido muitos pedidos para actuar?

—Muitos... Mesmo muitos.

Isto foi dito com alegria. Notava-se o contentamento em puderem dizer que tinham muitos contratos. E eles merecem. São bons rapazes, com uma linda voz e sabem cantar.

Na altura desta mini-entrevista ainda faltavam algumas horas para Fernando Tordo interpretar a «Tourada», no Luxemburgo. Foi por isso que lhes perguntei:

—Quais as probabilidades da «Tourada», no Luxemburgo?

—Boa classificação. E o Beijamim Pedro Pinto ainda oi mais longe:

—...Se não ganhar! Ele e eu cantávamos com a potentosa canção de Ary e Tordo. Não sucedeu! Mas, mesmo assim nada mau. Temos a consolação de ser a canção que mais palmas levou no Teatro onde se realizou o «Festival».

Bom, voltemos ao «Mini-Pop». É deles que estou a tratar.

—Quais as vossas previsões para o festival de 1974?

—Prever o futuro é difícil. E mesmo assim não sabemos se nos fazemos letra e música e se ela é aceite pelo júri. É difícil saber o futuro.

Nova resposta de gente já com muita intelectualidade.

Os rapazes estavam ansiosos por brincarem. Percebia-se bem que queriam correr — fazer as brincadeiras que to-

dos nós já fizemos quando tínhamos a idade deles e agora sorrimos a recordarmos delas.

Resolvi acabar a entrevista perguntando-lhe:

—Das canções que vocês têm gravadas, qual a que mais gostem?

A opinião não foi unânime, o que é natural.

—«O meu moinho velho» (para o Eugénio); «Delta Queen» (para o Abílio e Mário); as do último disco (para o Jaime e para o Pedro).

É uma mini-entrevista ao «Mini-Pop». Tinha de ser. O «seu a seu dono» — lá diz o prólogo.

José de Sousa Gonzales

## SALVÉ - 20 - 4 - 73

Maria da Conceição V. Correia

No próximo dia 20, festeja o seu aniversário natalício a menia Maria da Conceição Veloso Correia.

Suas colegas desejam-lhe que passe um dia feliz e que esta data se repita por infundáveis anos.

Parabéns

## ASSUNTOS NO BRASIL

Até 30 do corrente, compro no Rio de Janeiro e S. Paulo, casas, apartamentos, Direitos de Heranças totais ou indivisas e Acções do Banco do Brasil.

Informa:

Telefone 62267

Amare

# AS DUAS ÓRFÃS

(Continuado do número anterior)

—A eles, «Fiel», a eles!...

## TRABALHO DE SAPA

Seriam dez horas da manhã seguinte à noite do crime, quando um luxuoso automóvel parou junto ao portão de ferro do chalé onde vivia a família de D. Leandro Castrejuana.

Uma formosa loira platinada desceu do carro e entrou resolutamente no edifício.

Era a duquesa de los Brenos que ia dar os pêsames à viúva, com quem mantinha, de há muito, relações de amizade.

O jardineiro de aspecto campesino, e que fazia também as vezes de criado, introduziu a duquesa numa sala, e foi prevenir a senhora. Minutos depois, reapareceu e fez entrar a duquesa numa outra sala decorada com mais riqueza, mas sem gosto nem distinção.

A duquesa tratou de dar ao rosto o aspecto grave que as pessoas bem educadas julgam conveniente adoptar em casos semelhantes embora nada lhes importe o desgosto da família a quem vão dar os pêsames.

Tudo são conveniências sociais, máscaras falsas de uma sociedade corrompida que mente por hábito, que não tem nada dentro do coração, mas que sabe iludir com as aparências.

Hipocrisias tudo, nada mais.

No caso presente, porém, não era bem assim; pelo contrário conhecia-se-lhe no rosto que aquela morte lhe fizera pena.

Acabou, todavia, por encolher os ombros, pensando:

«— Afinal Helena não o amava. O Casamento foi de pura conveniência e ele também não era homem dedicado à família».

A viúva era uma senhora de pouco mais de trinta e cinco anos, sem qualquer atractivo feminino, o que quase justificava as infidelidades do falecido esposo. Vestia rigorosamente de luto, sem que deixasse de usar jóias em profusão.

No peito trazia um camaféu de marfim, rodeado de uma dupla fileira de brilhantes; num braço, uma pulseira de estylo egípcio com uma enorme esmeralda ao centro; nos dedos não lhe faltavam solitários e outros anéis com pedras preciosas. Em conclusão, a viúva

de D. Leandro lembrava ama montra de ourives.

Tudo nela indicava a mulher rica, mas ordinária e sem distinção.

Quando entrou, julgou de seu dever lançar-se nos braços da duquesa, a chorar que nem uma Madalena arrependida, e gemendo disse:

—Vê bem que desgraça a minha, Doroteia!

—Então, então, Helena... conforma-te! Deus dispôs as coisas assim, e não há remédio senão resignar-mo-nos. Tarde ou cedo, todos temos que morrer.

—Eu sei... Ainda se ao menos tivesse morrido na sua casa de qualquer enfermidade... Mas ir morrer assassinado num gabinete reservado de um café de camareiras, que vergonha!... Que vergonha, meu Deus!

—E tens tu culpa disso?

—Decerto que não.

As lágrimas secaram depressa, porque eram falsas, e a viúva tratou de oferecer assento à duquesa, sentando-se ela própria no divã a seu lado.

—Conforma-te, Helena!—disse-lhe de novo a duquesa— «Lágrimas com pão, passageiras são»... E o pobre Leandro deixou-te uma bela situação. És bastante rica. Nem tu, nem os teus filhos têm nada a temer pelo dia de amanhã.

—Isso não, graças a Deus!

—E já não é pequena consolação... Quanto ao seu feitio... Bem sabes como ele era!

—Acredita, Doroteia... Eu tinha adivinhado o seu fim— confessou a viúva, num tom natural, pondo agora a descoberto o rancor que tinha ao marido em virtude da sua mania das conquistas. — Eu dizia-lhe a cada passo: Leandro, tu acabas mal... E assim foi!

—Não se deve brincar com o fogo!

—Se soubesses que vida ele me deu? Era um luxurioso. Mulher que ele visse e lhe agradasse, havia de conquistá-la por força! Eu, ao princípio, sofri muito... chorei rios de lágrimas! Ele, porém, tanto abusou, que eu acabei por acostumar-me. Nos últimos tempos ceava-me asco... Não podia perdoar-lhe... Era demais! Que homem!

—E que idade tinha ele?...

—Quarento e cinco já feitos. Mas havia de ser assim até morrer. «Génio e figura até à sepultura!»

«—Tens razão: «O que o berço dá, a tumba o leva!»

E a duquesa acrescentou em seguida, com maliciosa intenção

—Mas, desta vez, parece que a rapariga valia a pena...

(Continua no próximo número)

# TRIBUNA do CONCELHO

## Notícias do Concelho

Vida elegante

### Aniversários

#### Fazem anos:

Hoje o sr. Manuel Joaquim da Costa Moreira e a sra. D. Maria Luíza de Araújo Almeida, natural de Portela e residente na América do Norte.

No dia 16 a sra. D. Carolina Arantes Rodrigues e a sra. D. Julieta da Assunção M. Dias.

No dia 18 o sr. Gualdino Ramos, funcionário da C.P.E.

No dia 19 o sr. D. Nuno Luís de Carvalho Daun e Lorena.

No dia 20 o sr. Francisco Machado Duarte, funcionário público.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

#### ANIVERSÁRIO

Na próxima quarta-feira, dia 18, está em festa a casa do nosso assinante sr. Carlos Rosadas, proprietário, da freguesia de Besteiros, pelo motivo de ser o dia do seu aniversário natalício.



Ao sr. Carlos Rosadas, desejamos que esta data se repita por muitos e felizes anos junto de sua querida Esposa, e que pela vida fora Deus sempre o ajude como até aqui.

Parabéns

#### Luta pela Vida

O potencial humano de Portugal vai desaparecendo e as reservas também não ficam. Como na grande guerra, a luta das nações que precisam desse «material» para resolverem as dificuldades com que lutam de gente para produzir, para trabalhar, aceitar de bom grado os imigrantes. Vê-se que as nações pobres estão a enriquecer com a exportação dessa preciosa «matéria prima» que é o braço humano. Portugal está no número das nações pobres mas rico em quantidade e qualidade que em parte alguma é rejeitado.

Mas Portugal está também a acompanhar o Mundo no seu progresso industrial e não pode dispor de tudo o que lhe faz falta e o pior ainda, é que fica também sem reservas.

A subida de preços consentida é provocada pelo encarecimento da mão de obra e se tudo isto continuar em ascensão melhor seria travar o necessário desenvolvimento industrial e aumentar o fisiológico para termos cá mais barato aquilo que pensamos produzir para nos enriquecer ou equilibrar.

Tanto em Portugal como em qualquer país, é a mão de obra que provoca a subida em qualquer exploração.

#### Actividade Agrícola

O entusiasmo chegou à lavoura como a cultura da batata que atingiu um preço compensador. Uma grande parte de terrenos está a ser ocupada por pomares de maçã, fruto tentador e inofensivo, com preços marcados que sedusem o pomicultor. Os pomares prestam-se à cultura inofensiva da batata porque os seus espaços permitem o aproveitamento e auxiliam a árvore com a alimentação química indispensável.

Estamos porisso a ver que o que tem faltado à lavoura e que originou o seu abandono, eram os preços dos produtos que não chegavam para as despesas. Se o mal era esse e parece ser, tem o Governo uma boa solução para o milho que estamos a importar em grande escala cuja cultura em Portugal se torna obrigatória por necessidade alimentares e furrageiros para o gado bovino que as não pode dispensar. Manter-se a tabela oficial do milho actual e desactualizada e manter o capricho do desgaste de grandes divisas com a importação. Se é verdade o que os jornais publicaram, só da Amé-

rica virão 90 mil contos de greiros de milho. Há portanto que olhar pela lavoura e pela indústria sem se esquecer que, por castigo ninguém quer trabalhar.

#### Vinhos para Angola

Angola comprou à metrópole no ano de 1972 cerca de cinquenta milhões de litros de vinho a granel. É um mercado consumidor que nos preocupa e interessa para despejo de saldos e valorização do produto. A concorrência de vinhos da região já deu como resultado, diz a Revista Lisboaeta, Vida Mundial, a rejeição de uma remessa porque os técnicos da província que o examinaram dizem ter encontrado substâncias que o tornam prejudicial à saúde dos consumidores. Já me referi a este assunto e julguei que os colegas da ciência da metrópole tivessem ido a Angola ver o que tinham os vinhos ou os aparelhos ou até a má vontade. Ficamos até agora sem nada saber mas sabemos que depois disso, e já lá vão 6 meses, nenhum navio tanque levou vinho que parece passar a ser exportado em embalagens que o tornarão muito mais caro. Este assunto interessa a todos os viticultores do continente e devia ficar bem esclarecido... mas haverá conveniência em evitar escândalos e prejuízo para a categoria do vinho e da capacidade dos analistas que garantiram a sua pureza.

#### Lamúrios Justificados

Queixam-se vários lavradores que ninguém procura o milho que retém para vender.

Queixámo-nos todos por falta de organização para se saber se as existências chegariam para evitar importações que deram este triste resultado e obrigaram o país a comprar maçãs no estrangeiro. O remédio estará perto e barato é só o manifesto obrigatório e a entrega quando for exigida. Este ano a quem é que se há-de vender?

— Por —

**Elísio Gonçalves**

Carrazedo Amares

**Leia**

**Propague e assine**

«Tribuna Livre»

## Juventude Perdida

Poucas pessoas avaliarão os efeitos, para o futuro de qualquer pessoa que pratique o crime de roubo ou furto. Tenho pena da juventude, que inconsciente, se inutiliza e até apelo às autoridades para que na menoridade, uma vítima dessa tentação não seja responsável para não ficar inutilizada. O crime de roubo ou furto é uma tatuagem física que marca para sempre a qualidade do homem.

Por uma queixa apresentada na G.N.R. por Maria Antunes, do lugar da Ponte, freguesia de Lago, descobriu-se que Carlos Pereira, trôlha, de 19 anos de idade, residente no mesmo lugar, furtou à queixosa 1.500\$00 em dinheiro, e um fio de ouro no valor de 600\$00. Não satisfeito também negou à namorada um relógio de pulso e abriu o carro de um funcionário público, parado em Lago, de onde levou uma pasta com documentos e valores. Concluídas as investigações o processo foi remetido ao Tribunal aonde será julgado o infeliz jóvem porque o que roubou apenas serviu para o desgraçar. Na apreciação deste lamentável facto não metemos em conta o desgosto da família que ele desonrou sem saber talvez que estas causas produzem os seus efeitos na dignidade dos familiares. É o caso de dar os pésames não às vítimas mas à família do morto-vivo porque jamais poderá ser tido como homem de bem na sociedade.

## ATENÇÃO

Prá Vinha

A razão aconselha

## MANCOZAN

- 1—Porque **deu provas de ÓPTIMA PERSISTÊNCIA.**
- ATENUA O VERMELHÃO.**
- não provoca queimaduras nas folhas.**
- tem PROPRIEDADES ACARICIDA.**
- 2—Porque **não provoca ATRASOS NA FERMENTAÇÃO DOS MOSTOS.**
- 3—Porque **o MANCOZAN é um FUNGICIDA IDEAL para VINHOS DE CASTA SENSÍVEL.**

Razão porque os viticultores da zona dos VINHOS VERDES encontram no MANCOZAN uma segura e eficaz DEFESA CONTRA O MÍLDIO.

## MANCOZAN®

é um produto AGROP



Distribuidores Exclusivos:

R. António Enes, n.º 25 - 2.º

LISBOA - 1

TELEF.: 44180/44189

# CONTRASTE Um caso que exige solução imediata e satisfatória

no Castelo do Queijo, tal o contraste esquadrihado entre Camilo e Raul Brandão. Foram quilómetros percorridos olhando o mar apenas no infinito—frémio de investigação a que a alma se obrigara.

Raul Brandão está para a nossa época excepcionalmente actualizado. Os farrapos humanos que o Mestre urdiu e depois teceu no seu tear de linhas omnímota são produto da intrínseca realidade como caldeava o pensamento. É da «Filosofia do Gabirú» esta meditação genial:

*Há livros que falam baixinho, há livros que falam alto. Uns têm por si o encanto, outros a força. Às vezes as palavras impressionam mais: passado tempo ainda elas acordam em nós fibras adormecidas.*

Precisamente Raul Brandão falava baixinho; Camilo falava alto. E aquela admiração de que era alvo procedia, não só da época dedicada inteiramente ao romantismo piegas, como dos desmandos impróprios do escritor, na altura em que os distúrbios se consideravam produto dum génio.

Génio, sim, Raul Brandão! Na trovoada literária do Mestre surjem faíscas que caem verticalmente na alma dos que o lêem. A nossa sensibilidade assusta-se entre o raio e a sua queda e no âmaggo encontramos-nos perante dilemas que haveremos de

resolver, senão logo, depois de maduramente os conjecturarmos.

Eis-nos face ao génio—que devemos venerar através do Tempo e não solidarizarmos com geniais artífices da palavra; Raul Brandão, a despeito de algumas deficiências é mais vivido! E eu prefiro—como de resto a juventude de hoje, a inspiração vivida que pensada. Daí ter Camilo sossobrado na onda revolucionária do «mare nostrum»

da Literatura portuguesa e Raul Brandão existir na Literatura universal. Daí oferecer ao excepcional cronista de domingo, acerca da Juventude de hoje e da sua maneira de interpretar os escritores, esta frase, de sempre, de Roger Bacon:

«Há só um modo de vencer a natureza: é obedecer-lhe.»

Militão Porto

## ANIVERSÁRIO

### Maria Alcinda Soares

No passado dia 12 festejou o seu aniversário natalício a sra. D. Maria Alcinda Soares, esposa querida do nosso estimado assinante sr. Silvério Soares, residentes em França.



Tribuna Livre, que conta estes assinantes com especial consideração, deseja à aniversariante muitas felicidades e deseja-lhe que tivesse passado um aniversário muito feliz junto de seu marido e filhinhos.

Parabéns

1.ª Publicação  
  
 TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA  
 DE  
 AMARES

## ANÚNCIO

No dia VINTE E CINCO do corrente mês de ABRIL, pelas quinze horas, no Tribunal Judicial desta comarca e nos autos de carta precatória vinda do Tribunal Judicial da comarca de Braga e extraída dos autos de execução por custas que o Ministério Público move contra os executados ANTONIO JOSÉ GONÇALVES FERNANDES e mulher MARIA DE FATIMA ANTUNES RIBEIRO, e AMANDIO MANUEL FERNANDES, todos do lugar do Terreiro, freguesia de Santa Maria de Bouro, desta comarca, vai ser posta em praça, pela primeira vez, para se arrematar ao maior lance oferecido, acima do valor indicado no processo, uma amassadeira eléctrica penhorada aos executados mencionados em primeiro lugar.

Amares, 2 de Abril de 1973

O Juiz de Direito,

Alfredo Jaime Menêres Correia  
 Barbosa

O Escrivão,

Guilherme José da Silva

a Associação, ou melhor, os homens que se atreveram a ir tão longe, ficaram despedidos, pois apesar do tempo ter decorrido não foi recebida a comparticipação, nem sequer o aluguer das primeiras salas que foi prometido mas nunca dado.

Isto não teria acontecido se fosse vivo esse saudoso Governador que conhecia o caso e o amparava, por o saber justo, como não existiria se não fosse o abandono que lhe é votado por quem tem obrigação de estar atento aos problemas da Escola Preparatória.

Parece-nos saber que a Associação proprietária do edifício não está resolvida a continuar a suportar esta situação e vai usar dos direitos que as Leis lhe conferem para dela se libertar

Mais nos parece saber que não estará na disposição de qualquer cedência futura, correspondendo dessa forma à ingratidão e injustiça de que vem sendo vítima.

O certo é que se está a criar uma situação irreparável para o futuro do ensino no Concelho.

Esta demora na concessão do subsídio e aluguer levaram à paragem das obras. No próximo Outubro teremos o 3.º ano. E salas? E se a Associação reaver as salas inacabadas em que se leccionou já? Então nem para os anos do curso actual.

Como se explica esta situação desprestigiada e de grandes repercussões quando se anunciam rios de dinheiro para tudo e para nada?

A cumprir-se o estabelecido no recente despacho de comparticipação a Associação receberá este ano 100 contos, em 1974 o resto, por-

tanto só será obrigada a entregar as salas para o ano de 1975:

Até lá o Ministro da Educação usará as primitivas 8 salas—se pagar a renda—mas precisará, pelo menos, do dobro.

Impõe-se, pois, que o subsídio do Estado seja concedido na totalidade e imediatamente de maneira a participar o que está feito e se proceda ao acabamento, sanando-se um caso que está a causar natural mal estar e o vai causar ainda maior.

É que as coisas tomam tal aspecto de ingratidão que começamos a pensar se alguém terá coragem de pedir colaboração a quem é tratado assim.

Quem avisa.....

## 5.ª COLUNA

«Continuação da 1.ª Página»

e cantar», para se compreender a interioridade do poeta. Ele nos diz:

*Erguer a voz e cantar  
 é força de quem é novo  
 viver sempre a esperar  
 fraqueza de quem é povo.*

Na sua esperança desesperada de esperar, António Macedo interpreta o tempo que lhe há-de passar na melancolia esfíngica de ter nascido poeta. E canta porque, ele no-lo diz também:

*«Eu canto p'ra deitar a minha  
 chuva  
 no campo de futuro semeado  
 eu canto porque creio qu'as  
 palavras  
 são chuva são semente são  
 arado.»*

Talvez porque estamos em dia de festival de canções só hoje me dispus a reler este livrinho que o meu amigo me ofereceu e que comprou em Braga — terra do poeta, certamente Daí ter consagrado esta coluna aos cantares que se me ficaram suspensos de um dia vago, em que me senti tranquilizado pelas canções de António Macedo, qual balsamo de bem estar. Se o livro algo tem de mau será, para mim, já velho, a modernidade de cada poema não ter pontuação. Mas a cristalinidade da sua verbe compensa essa falta nem se sente.

Pena tenho, leitor, do pouco espaço, senão lia-lhe mais canções do interessante como inspirado poeta.

E até à semana, muita saúde.

EME ABRIL

## S.º António

ximou-se. Deparou com uma donzelinha de cabelos rapados. Graciosa e meiga no seu olhar de pervinca, António pergunta-lhe o que fora aquilo. Foi meu pai que cortou as minhas longas e douradas tranças, pois não gostava que eu namorasse tal rapaz. E agora veja, senhor, a figura ridícula que ando por aí a fazer!... Na verdade, meu caro leitor, que impressão nos causaria mesmo a nós, que não somos santos, uma rapariga de melão à vista? Acalma-te, rapariga, diz-lhe António! Aonde puseste os cabelos? Vou buscá-los. E António—aquele moço de porte elegante e de rosto macerado pelo sacrifício—eleva o pensamento a Deus e coloca-lhe os cabelos no seu sítio. Se eram antes belos, ficaram ainda mais belos.

Cuidado, pois, raparigas, que há muitas por aí que já deviam ter sido rapadas muitas vezes!...

## Telefones para serviços

### DE URGÊNCIA

Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62124
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.ta Maria	66133
Bombeiros Voluntários de Amares	62162

